

EU NÃO SOU O HOMEM DA RELAÇÃO:

ressignificação *BUTCH* como operação política, agenciamento pós-humano e transprodução de feminilidade

*Bruna Amato
Andrieli Barbosa Gomes
Maria Regina de Avila Moreira*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar, por meio das estruturas sociais e históricas de gênero e da heteronormatividade, a transmutação política necessária enquanto alternativa para resistência lésbica. Trata-se da exposição dos intermediadores de violência, do corpo butch enquanto zona biopolítica, mas especialmente dos processos de enfrentamento dessas violências. O reconhecimento das vivências butch como contraprodutivas em relação ao engessamento da sexualidade cisheteronormativa, e o quão ameaçadoras são para o (cis)tema capitalista/patriarcal, explicitam a incansável necessidade de se afirmar um sujeito universal. Os autores selecionados para análise exprimem a brutalidade com a qual o sistema sexo-gênero assume o papel de regulador, normatizador e redutor dos sujeitos, transformando corpos múltiplos e orgânicos em máquinas ontológicas (re)produtoras, fragmentadas, e no caso das lésbicas butch, abjetas. Portanto, não se trata apenas de denunciar o trajeto público para desumanização da existência lésbica ou a delação dos mecanismos sociais que, sistematicamente, violentam e matam as mulheres que se negam a performar o que a sociedade heterocentrada define como feminilidade. Esse texto trata de mostrar, acima de tudo, que a subversão inerente à butch - a plasticidade da máquina corpo, do sexo como ato, da produção de uma feminilidade alternativa, do desejo que rompe com a padronização - cria na estrutura heterossocial uma obsolescência, da qual só se consegue fugir com técnicas de controle e extermínio. Contudo, denotam a força descomunal de uma comunidade, que só sendo (como é) negligenciada e aniquilada, tamanha a capacidade de implodir toda uma estrutura social e séculos de opressão.

Palavras-chave: lésbica; butch; resignificação; feminilidade; violência.

I AM NOT THE MAN OF THE RELATIONSHIP:

resignification *BUTCH* as political operation, post human agency and transproduction of femininity

Abstract

This work aims to analyse, through social and historical gender structures and heteronormativity, the necessary political transmutation as an alternative for lesbian resistance. It is about exposure of the intermediaries of violence, of the butch bodies as a biopolitical zone, but especially of the processes of confronting this violence. The recognition of butch experiences as counterproductive in relation to the crystallization of cisheteronormative sexuality, and how threatening they are to the capitalist/patriarchal (cis)tem, explain the tireless need to assert an universal subject. The authors selected for analysis express the brutality with which the sex-gender system assumes the role of regulating, standardizing and reducing the subjects, transforming multiple and organic bodies into ontological (re)production, fragmented machines, and in the case of butch lesbians, abject bodies. Therefore, it is not just a matter of denouncing the public path towards dehumanizing lesbian existence or reporting the social mechanisms that systematically violate and kill women who refuse

to perform what heterocentric society defines as femininity. This text tries to show, above all, that the subversion inherent to the butch - the plasticity of the body machine, sex as an act, the production of an alternative femininity, the desire that breaks with standardization - creates an obsolescence in the heterosocial structure, which can only escape with control and extermination techniques. However, it denotes the enormous strength of a community, which is only (as it is) neglected and annihilated such a capacity to implode an entire social structure and centuries of oppression.

Keywords: lesbian; butch; resignification; femininity; violence.

YO NO SOY EL HOMBRE DE LA RELACIÓN:

resignificación BUTCH como operación política, agenciamiento posthumano y transproducción de feminidad

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar, por medio de las estructuras sociales e históricas del género y la heteronormatividad, la transmutación política necesaria como alternativa para la resistencia lésbica. Se trata de la exposición de los mediadores de la violencia, del cuerpo butch como zona biopolítica, pero especialmente, de los procesos de enfrentamiento a esas violencias. El reconocimiento de las vivencias butch como contraproductivas en relación a la sexualidad cisheteronormativa y lo amenazantes que son para el (cis)tema capitalista/patriarcal, explicitan la incansable necesidad de afirmar un sujeto universal. Los autores seleccionados para el análisis explicitan la brutalidad con que el sistema sexo-género asume el papel de regulador, normatizador y reductor de los sujetos, transformando cuerpos múltiples y orgánicos en máquinas ontológicas (re)productoras, fragmentadas, y en el caso de las lesbianas butch, en abyectas. Por tanto, no se trata apenas de denunciar el trayecto público para la deshumanización de la existencia lésbica, o la delación de los mecanismos sociales que sistemáticamente violentan y matan las mujeres que se niegan a realizar la performatividad del género que la sociedad heterocentrada define como feminidad. El texto trata de mostrar, sobre todo, que la subversión inherente a la butch - la plasticidad de la máquina cuerpo, del sexo como acto, la producción de una feminidad alternativa, el deseo que rompe con los patrones - crea en la estructura heterosocial una obsolescencia de la cual sólo se consigue escapar con técnicas de control y exterminio. Esta subversión denota la fuerza descomunal de una comunidad que sólo siendo (como es) negligenciada y aniquilada, posee tamaño capacidad de colapsar toda una estructura social y siglos de opresión.

Palabras claves: lesbianas; butch; resignificación; feminidad; violencia.

NÃO FODE E NEM SAI DE CIMA

Florianópolis, 2017. Caminhando na rua com uma amiga, passamos por um botequim (desses bem heteronormativos). Era um domingo de tarde, então, o passeio em si estava completamente vazio, somente o bar contava com diversos homens brancos, uma televisão pequena sintonizada em um jogo de futebol e os ânimos alterados por conta do desenrolar da partida.

Eu¹, mulher cis, lésbica, butch (não performativa de feminilidade) e minha amiga, uma mulher transexual, absolutamente dentro dos padrões de performance do que se construiu como feminilidade. Ao passarmos pela frente do bar, cuidando para guardar o distanciamento seguro daqueles homens, os comentários não se furtaram em acontecer (nunca se furtam, inclusive) - e da gritaria e risadas altas, o que pude destacar: “Ah lá o macho e o viadinho”.

Aceleramos os passos a caminho de onde eu havia estacionado.

Quando conseguimos entrar no meu carro, já longe de algo mais que pudesse acontecer - além da velha e costumeira tentativa de intimidação vexatória - o que fizemos foi rir. Muito! Uma risada solta, digna daquela situação patética. A butch, declarada e orgulhosamente mulher sendo reivindicada como homem, “macho”; a amiga, majestosa no salto agulha, seios fartos, bunda orgulho do país que mais consome pornografia trans, o viadinho.

No primeiro momento a gente pensou: se eu fosse um homem trans não seria reconhecida como “macho”, seria a “mulher macho”, a “sapatona”. Ela, se fosse um homem gay afeminado, certamente seria a “mocinha”, a “mulherzinha”. A questão que se apresenta aqui é muito simples de entender: a sociedade patriarcal vai sempre decidir que nós somos o contrário do que reclamamos e declaramos ser, isso claro, sempre que nossos objetivos de vida não sejam, unicamente, servir aos propósitos sexuais subservientes aos homens cis.

Mesmo que eles estuprem mulheres cislésbicas e paguem para serem penetrados por mulheres trans, quem assina o documento probatório é o pau. Deles!

A existência butch computa, em um mundo de realidades aumentadas e individualizadas, a manifestação de existências impensáveis, de feminismos inconcebíveis, o escarro da persona que se recusa a aproveitar qualquer das sombras que existem - já que não cabe em nenhuma delas - e insiste em acontecer em uma nova e complexa realidade pós-humana. Recusa qualquer identidade natural e/ou totalizante, e se as dicotomias dão aos discursos o poder da razão, ora para um lado, ora para outro, a sapas butch rejeitam os movimentos bimodais. Corpo/alma, homem/mulher, superficial/profundo, natural/artificial, natureza/cultura, produção/reprodução, capaz/incapaz e qualquer tecnologia de comunicação que tenha por excelência a destruição da vida pública, o que enfraquece a cultura e a economia, atingindo principalmente as mulheres (HARAWAY, 2013).

O “social”, de Deleuze e Guattari (2010), e o biopoder, de Foucault (2014), vão mostrar que as produções biopolíticas do final do século 19 e início do século 20 estabelecem novos padrões de análises sociais. Sendo assim, constituem-se por meio de um conjunto de

¹ Relato pessoal de uma das autoras do artigo.

dispositivos de controle que, ao contrário do poder disciplinar, transformam *corpo* em *espécie humana*, criam novos corpos, os corpos controláveis, corpos-padrão, corpos reconhecíveis e ajustáveis. Com isso, novos corpos-máquina surgem em um contexto de abstração onde se prevê analisar socialmente não só o dizível, mas as relações desses novos corpos com a natureza universalizada.

Com efeito, provocar uma interseção entre vida pública e vida privada funciona perfeitamente para que ambas sejam alvo de controle estatal. Portanto, quando o Estado utiliza o discurso eclesiástico que condena a homossexualidade, para relativizar ou proibir que pessoas do mesmo gênero tenham direito de constituir união civil, por exemplo, ele confunde a vida privada (da liberdade de crença) com a vida pública (de direitos e deveres de qualquer cidadão) e cria um ambiente social inóspito para a população homossexual, principalmente para mulheres cislésbicas, que por muitas vezes são atravessadas por mais opressões sobrepostas umas às outras (mulher cis- lésbica-butch-pobre-preta). Essa técnica, por sua vez, abre precedente para que a ação do Estado assuma uma posição de “democracia”, quando finge atender aos apelos de uma população indignada, mas a verdade é que, quem inflamou o privado foi o público, em primeira instância.

E sim, o discurso eclesiástico é público, não privado! Exatamente por atender às demandas do Estado de subjugação de corpos e controle de populações.

Partindo desse pressuposto, qualquer discurso sobre corpos dissidentes será guiado pela mesma consideração e qualquer tema será avaliado do público para o privado e novamente para o público.

Sufocar as existências desviantes por meio de um discurso totalitário e eclesiástico é prática mais antiga que o capitalismo, e se ainda não entenderam que não existe bíblia, nem deus, nem o diabo que sejam suficientes para provar a natureza demoníaca que nasce com a sapatão, uma dica: nos matar, em nome do que quer que seja, jamais será suficiente para que deixemos de existir. O genocídio cislésbico é tão eficaz quanto o genocídio do povo preto, vocês matam uma de nós, nascem mil.

Sobre os corpos pretos, Angela Davis (2016) vai nos fazer refletir que as mulheres pretas não somente passaram pelas violências, as mesmas que os homens, enquanto escravizadas. Além de serem chicoteadas, espancadas e mutiladas, foram estupradas e deixadas à sorte com uma cria indesejada, e muitas, muitas delas sobreviveram mas, antes, passaram pela dupla violência: a comum aos escravos e aquela designada ao sexo feminino. Sendo assim, por essa lógica, ser uma sapatão caminhoneira preta é o equivalente a ser uma latrina transbordante, da qual é necessário que se livre imediatamente.

Em 2016, Luana Barbosa foi espancada até a morte por três policiais na esquina de sua casa na periferia de São Paulo, na frente do seu filho de 14 anos. Mulher, negra, pobre e sapatão, ela simplesmente reivindicou seu direito constitucional de ser revistada por uma mulher, já que ela era mulher (ALVES, 2016). Apanhou como o homem que eles imaginavam que ela gostaria de ser, apanhou pela cor da pele, pelas roupas, pela audácia de ser mais que uma simples boceta penetrável, e com a violência que um corpo considerado abjeto merece. Eles limpam as mãos e acreditam ter terminado o serviço, mas para cada Luana surrada nasce

uma Ochy Curiel², uma Cheryl Clarke³, uma Tatiana Nascimento⁴, uma Leci Brandão⁵, uma Sandra de Sá⁶.

Essa forma de aniquilação social, que funciona tanto para corpos pretos como para corpos butch (que também podem ser pretas), possibilita adicionar o autor Achille Mbembe (2018) ao diálogo entre Deleuze e Foucault, trazendo o conceito de necropolítica e a escolha do Estado entre quem vive e quem morre. Esse conceito, que serve para uma elaboração sobre a política de extermínio da população preta, vai encaixar perfeitamente no que chamaremos aqui de “3ºATO”.

O primeiro ato é o de disseminar e popularizar, utilizando as tecnologias de comunicação, a ideia de uma verdade. É criar uma abstração social e uma universalização que incide nos modos de subjetivação e produz ideais de sujeitos. Dessa “verdade” nascem os conceitos bimodais, sempre opostos, sempre binários, sempre antagônicos. De um lado uns, do outro, outros. O discurso da verdade, e pouco importa qual a verdade da vez, é uma espécie de movimento afirmativo que denota o radicalismo na prática.

No segundo ato, a padronização do “nós” cria a necessidade da normatização do “outros”. Se a união entre igreja e capitalismo criou a sociedade patriarcal, agora é essa sociedade que reivindica a normatização de todas as existências, em nome de deus e da bolsa de valores. O cerceamento que incide sobre elas - proíbe a circulação pública, subverte as premissas da Constituição Federal (de igualdade entre sexo, raça, etnia e credo), não se acanha em cobrar as mesmas taxas de impostos fiscais, mas nega emprego, nega assistencialidade, nega saúde, saneamento básico, educação, segurança pública e lazer - encontra apoio numa sociedade civil que, espontaneamente, opera como fiscalizadora dos cus que o Estado, de antemão, classificou como “não recomendados”.

Já o terceiro ato é punitivista, não prevê correção, nem concede aviso prévio. É a expressão da morte (MBEMBE, 2018), quando o Estado materializa a execução dos corpos dissidentes, não mais pela lógica que criou, mas agora, atendendo ao apelo popular que ele próprio engendrou, subjugando a vida ao poder da morte.

No Brasil, os números de lesbocídios, feminicídios e extermínio da população preta e periférica (REINHOLZ, 2020) colocam o país em 5º lugar no ranking de países que mais matam mulheres (SUDRÉ; COCOLO, 2016), em 1º lugar no ranking de países que mais matam pessoas LGBTs (CUT, 2019) e, como não poderia ser diferente, o Brasil figura como

² Teórica feminista, preta, lésbica, cantora e antropóloga social afro-dominicana. Responsável por estabelecer o movimento de mulheres afro-caribenhas e afirmar que o lesbianismo não é uma identidade, orientação ou preferência sexual, mas, ao invés, uma posição política.

³ Poetisa lésbica, ensaísta, educadora e ativista da comunidade feminista negra estadunidense. Organiza anualmente o Festival de Hobart de escritoras femininas. Professora no Departamento de Mulheres e Estudos de Gênero, da Universidade Estadual de Nova Jersey.

⁴ Poeta, *slammer*, cantora e compositora brasileira preta e sapatão. Criadora do conceito cuírlombismo literário, que propõe uma remitologização da dissidência sexual como parte fundante do imaginário ancestral da diáspora negra e um novo parâmetro interpretativo da produção artística feita por pessoas negras LGBTQIs.

⁵ Cantora, compositora, preta, lésbica e política brasileira. Uma das mais importantes intérpretes de samba da música popular brasileira.

⁶ Mulher preta, lésbica, cantora, compositora e instrumentista brasileira. Exponente de diversos gêneros musicais, com enfoque na música popular brasileira e na black music mundial.

o país com o maior número de católicos no mundo. Ao total, os autodeclarados cristãos são 50% católicos e 31% evangélicos (G1, 2020). Essa mesma nação, composta de 211,8 milhões de pessoas (IBGE, 2020), é a 8ª mais desigual do mundo, socialmente falando, ficando atrás de países como África do Sul, Namíbia, Suazilândia e Moçambique (AMORIM; MADEIRO, 2020).

Portanto, é possível argumentar que o mecanismo do capitalismo, baseado na “lógica” teológica, evidencia uma noção de epistemologia e ontologia que propicia invisibilização, controle e perseguição quando considera haver, apenas, uma única identidade “mulher” que serviria de experiência totalizante (HARAWAY, 2013). Assim, podemos creditar aos discursos feministas a primeira grande implosão epistemológica do século 20, quando passamos a reivindicar o corpo político da mulher como parte fundamental e indispensável da história.

CRIP⁷, QUEER⁸: YES, WE FUCK⁹

Uma coisa curiosa acontece em relação aos avanços provocados pelo discurso feminista. Ao passo que, partindo deles, o corpo da mulher tornou-se auto falante, também os outros corpos, os dissidentes, passaram a sair dos porões e desfilar à luz do sol, sem o mesmo reconhecimento. Quando Kafer (2013) afirma que o que existe é uma disputa política em variadas instâncias de relações de poder, e que essas disputas, por sua vez, são afetadas por ideais culturais de normalidade, de forma e função, quem pode distinguir se a autora está falando de mulheres usando sapatos de bico quadrado e cabelos moicano, de pessoas com deficiência, ou de homens com seios que juntam cada centavo para uma mastectomia?

Assim como Butler (2010) em *Cuerpos que importan* nos faz refletir sobre como sexo, gênero e deficiência são constructos sociais atravessados por esses diversos níveis de relações de poder, Kafer (2013) em *Feminist, Queer, Crip* e Halberstam (1998) em *Female Masculinity* dialogam com a ideia de que esse constructo social é simplesmente visualizável, e o que se enxerga é defectível. As teorias crip e queer vão se posicionar criticamente em relação à ideia de uma materialidade fixa dos corpos, questionando, de maneira geral, a naturalidade de todos os corpos. Portanto, se uma mulher cis está em uma cadeira de rodas, não existe muita diferença entre a abjeção do seu corpo para o de uma mulher cis de terno e gravata, ambas são incompatíveis com essa ideia de materialidade ou corponormatividade. A relação política está entre o ambiente e o padrão excludente e, notem, nenhuma menção à orientação sexual foi levantada. Poderia a mulher de terno e gravata ser heterossexual e a mulher na cadeira de rodas, lésbica? Uma mulher pode ter acordado na casa do seu namorado, vestido as roupas dele e ido à rua para comprar cigarros? Uma mulher numa cadeira de rodas pode estar se recuperando de uma cirurgia no joelho?

⁷ Crip significa aleijado. Da resignificação de um termo pejorativo nasceu a teoria Crip, que busca romper com os binarismos e normatizações por meio de uma perspectiva de diversidade funcional e corporal.

⁸ Queer significa estranho. Da resignificação de um termo pejorativo nasceu a teoria Queer, que trabalha com a ideia de que gênero, orientação sexual e identidade de gênero são um constructo social.

⁹ Documentário espanhol dirigido por Antonio Centeno e Raúl de la Morena, de 2015, que explora a sexualidade das pessoas com diversidade funcional e corporal. Significa literalmente SIM, NÓS FODEMOS.

Nada disso faz diferença, esses corpos são classificados, assim como fazem os algoritmos, sem nenhuma pessoalização. Sem a necessidade de questionários. Não importa com quem eu faço sexo, não importa se mesmo numa cadeira de rodas ou sem uma das pernas, eu faça sexo, nada importa a menos que eu seja completa. E a incompletude está na impossibilidade de correção, seja de membros, seja de expressão. Quantas cislésbicas são assassinadas dentro de seus quartos, nuas, fazendo sexo com suas companheiras? São assassinadas na rua por estranhos, pelas roupas que usam, pelos trejeitos, pela liberdade e pelo que isso pode denotar em um mundo binário.

Cislésbicas butch e mulheres cis com deficiência têm seus corpos, e por conseguinte suas vivências, reduzidas à impossibilidade de correção cisheteronormativa. A disfuncionalidade à vista, impossível de se ignorar. A eficiência de um corpo é medida pela capacidade desse corpo de produzir. O apagamento social, como se lésbicas butch nunca tivessem existido, ou não deveriam existir, ou como se pessoas com deficiência nada tenham produzido e de antemão sejam consideradas incapazes, confere à sociedade cisheteronormativa o poder de atribuir inteligibilidade de desejo, tornando impossível que qualquer sujeito, independentemente da diversidade funcional, possa viver plenamente (PLATERO, 2013).

Ocorre que, dotadas de um corpo, de um desejo que não compete à vida pública e munidas das mesmas tecnologias utilizadas para nos invisibilizar...SIM, NÓS TRANSAMOS! Transamos orgasticamente. Utilizando o corpo que a sociedade repugna, com e sem todos os adereços high-tech aos quais também temos acesso e mesmo que nos falte um membro ou 'O MEMBRO'. A realidade: não nos falta nada!

A teologia e algumas vertentes psicanalíticas da falta trabalham a normatização e a regulação dos corpos por meio da ideia de que sempre algo nos falta, que isso é divinamente natural. A todas nós falta o pênis, já largamos assim, incompletas, incapazes e vulnerabilizadas a ponto de precisarmos de governos que conduzam nossas vidas públicas e privadas, de uma política social que nos marginaliza quando desviamos e que nos mata quando nos transformamos em agentes de enunciação. Como Preciado (2014, p. 209) já bem disse, "o corpo já é um território pelo qual órgãos múltiplos e identidades diversas cruzam. O que nos falta é vontade, todo resto sobra". A butch produz corpos, seu desejo é produtivo. A butch é crip, a butch é queer, a butch goza, em cativo, mas sem o pênis do papai.

OPERAÇÃO POLÍTICA, AGENCIAMENTO PÓS-HUMANO E TRANSPRODUÇÃO DE FEMINILIDADE

O final da 2ª guerra mundial é marco histórico para a comunidade LGBT. Ao mesmo tempo em que Hitler estourava os miolos e a Little Boy¹⁰ e a Fat Man¹¹ varriam 214 mil pessoas em Hiroshima e Nagasaki, nasciam as primeiras comunidades de homossexuais norte-americanos. Com o retorno dos soldados mutilados, rapidamente as indústrias se apressaram em substituir a produção de armas para investir em objetos que, agora, serviriam

¹⁰ Código da bomba atômica lançada sobre Hiroshima, no Japão, pelos Estados Unidos, em 6 de agosto de 1945.

¹¹ Código da bomba atômica lançada sobre Nagasaki, Japão, pelos Estados Unidos, em 9 de agosto de 1945.

não só para substituir os membros perdidos pelos jovens em combate, mas para criar uma nova sociedade de consumo: a próstética (PRECIADO, 2014).

Nascia ali uma nova produção de identidade sexual, não somente braços e pernas, mas anabolizantes, silicones, hormonizações, suplementos vitamínicos, séries aeróbias e anaeróbias. Dessa nova sociedade tecnológica, que possibilita que corpos sejam esculpidos e remodelados, surgem dois fenômenos: 1) uma nova categoria de corpos-máquina, corpos padrão, bombados, aerodinamizados, alongados, implantados, esticados e plastificados e, na outra face da mesma moeda high tech, 2) a sapatão - butch - criada no chão das fábricas e indústrias. Naqueles mesmos espaços de trabalhos braçais, que elas só puderam acessar sem serem questionadas porque os homens que ali estariam, estavam a serviço de Roosevelt.

Assim como o ciborgue de Haraway (2013), a butch é pós-humana, não reconhece Édipo e não nasceu de nenhuma narrativa “originária” heterossexual. Ressurge quando da nova cultura high-tech e de consumo, surgem novas performances de gênero.

É óbvio que os avanços tecno-medicinais industriais, estéticos e próstéticos nada têm a ver com o conforto que encontrarão, ali também, os corpos dissidentes, mas é inegável que “tecnologia que dá chique, dá em francisca”. Os silicones das madames de classe alta, casadas com ricos que adoram peitos grandes, também vão garantir que o valor do programa aumente, tanto para as prostitutas cisgênero quanto para as travestis e transexuais que atendem ricos que adoram peitos grandes. As plásticas de rejuvenescimento, as novas academias de ginástica e suas turmas femininas, os apetrechos sexuais, a indústria do plástico, do couro, da borracha, da moda, do rock’n roll...da subversão. Enquanto a juventude consumia e era consumida por uma ideia de revolução, libertação, contravenção e rebeldia - branca, heterossexual e capitalista - as butches faziam uso dessas mesmas high técnicas e mutaram, transmutaram e passaram a operar politicamente através de seus corpos e da expressão de sua sexualidade: “Seu mais belo golpe é ter sido capaz de simular a masculinidade. Sua mais hábil estratégia, o contrabando de acessórios para fabricar o gênero” (PRECIADO, 2014, p. 206).

Se o grande perigo a ser combatido, no século 19, eram os “vícios” - a masturbação, a literatura obscena, o aborto, os salões de dança, que consolidaram práticas médicas, sociais e legais que incluíam a amputação do clitóris das meninas que se masturbarvam, a proibição do uso ou divulgação de contraceptivos, o aborto e qualquer conduta considera sórdida - no século 20, durante essa revolução sexual pós-guerra, o novo perigo eram os homossexuais. Entraram, junto com os comunistas, no balaio dos seres mais perigosos e, logo, mais violentamente perseguidos (RUBIN, 2017).

A direita política, junto com os discursos fundamentalistas religiosos, entenderam que o apelo anti-gay na comunidade era muito forte, especialmente quando passaram a relacionar homossexualidade com transtorno mental e pedofilia. Desvios de conduta, eles dizem, que só podem ser corrigidos com medicamentação, institucionalizações médicas ou prisionais, perseguições políticas, violência física, demissões, segregação estatal e social, estupro corretivos e, por fim, aniquilação.

A butch não se desfaz de si, ela se reproduz em si. De todos os elementos existentes, cada pedaço da butch tem outra origem, outra função, é a habilidade de transproduzir uma feminilidade. A butch não usa salto, nem se submete ao desconforto de cruzar as pernas. Não torce para ser cortejada e nem tem bons modos. A butch também não teme quebrar as unhas no trabalho pesado, se suja de graxa, dirige sua moto em alta velocidade, bebe sozinha

no bar. Usa blusa xadrez, xinga na partida de futebol, cospe no chão quando precisa, coça onde estiver coçando, mas não se envergonha disso, como qualquer homem também não.

Os elementos que agrega de uma suposta masculinidade não incluem os mesmos privilégios, nem os mesmos efeitos de dominação. Tampouco a categorização da butch se pretende homogênea: “A butch produz uma feminilidade alternativa. Sua identidade surge exatamente do desvio de um processo de repetição” (PRECIADO, 2014, p.214). Mas é filósofa, é preta, é mãe, é médica, é mecânica, é filha, é Pós-Doc, é periférica. A butch chora, a butch gosta de ser mulher, a butch é sensível. Mas o principal...a butch sabe onde fica o clitóris!

Sendo assim, a única alternativa para os homens cis continuarem acreditando na sua própria superioridade, seja ela natural ou metafísica, a única alternativa para lidarem com a nossa existência, é nos matando.

EU NÃO SOU O HOMEM DA RELAÇÃO

A territorialização cisheteronormativa do corpo cislésbico se dá por meio de uma técnica discursiva que visa a reapropriação da femme e a anulação da butch. A femme não se encontra em nenhum lugar que não seja o do engodo, assim, privada do benefício da dúvida (ou da certeza), precisa ser reivindicada como propriedade doravante afanada, ludibriada. A butch, dentro de um sistema de signos binários é reconhecida como estelionatária de um bem maior, a masculinidade. Com efeitos positivos, de simular uma experiência livre dentro da expressão de gênero, ameaça a estrutura heterossocial quando entrega uma versão atualizada, avançada e melhorada daquilo que se supõe natural, apenas, do sexo biológico masculino.

Sendo mais explícita possível: a sociedade cisheterocentrada jamais aceitará qualquer versão alternativa à masculinidade brutal, colonizadora e dominante, exatamente por essa opção trazer consigo a libertação dos corpos femininos - e, por consequência, dos corpos feminizados - e, para tal, seria necessário abrir mão da secular moeda de troca, o corpo-base sustentáculo do sistema capitalista, da cuidadora, da mãe-esposa, do trabalho doméstico não-remunerado, da disparidade salarial, da maternidade impositiva e da heterossexualidade compulsória.

Butler (2006) trabalha com a ideia de que somos todos constituídos como corpos políticos por meio da noção de vulnerabilidade social desses corpos. Existe uma relacionalidade que possibilita a constituição do sujeito, já de antemão dentro de uma estrutura que organiza e distribui valorização desigual entre as existências. Esses mecanismos hegemônicos criam, hierarquicamente, um sistema de valores responsável por atribuir inteligibilidade. No próprio processo de tornar-se sujeito, um processo de assujeitamento ocorre concomitantemente, já separando os indivíduos em categorias, os que poderão existir como seres humanos e os que terão sua humanidade indeferida. Portanto, para a autora, a vulnerabilidade só se apresenta como tópico quando há necessidade política de posicionamento. Se atestada a condição de vulnerabilidade, torna-se possível enunciar. Se é possível criar enunciado, é possível gerar desejo. Se gera desejo, existir passa a ser uma possibilidade, e mais, um propósito.

O que se apresenta é um sistema biopolítico de práticas de regulação e normatização dos corpos e das singularidades. Foucault (2012) vai chamar essa tecnologia de poder de dispositivo da sexualidade, no momento em que ela deixa de ser localizada no sujeito e vai passar a fazer parte do campo das disputas políticas, sendo compreendida nas relações de saber/poder. Quando Foucault trabalha a sexualidade como um dispositivo de poder/saber/verdade, permite questionar quem são os sujeitos que produzem essas verdades, sob que aspectos utilizam a sexualidade como controle, para que tipo de construção de sociedade e além, permite que a gente situe todas as sexualidades que existem fora das bordas da normatização, o que nos possibilita pensar que normas não são fixas, nem metafísicas.

Exatamente nessa fissura da não-fixidez normativa e da possibilidade de questionamento das categorias universais, surgem os movimentos sociopolíticos cujo objetivo é apontar a rigidez da modernidade e criar estratégias de enfrentamento dessas categorias engessadas. Juntamente com o sentimento antiguerra e a psicodelia das comunidades “sexo, drogas e rock’n roll”, dos anos 1960/1970, a butch finca, com a exposição de um corpo antropomórfico e uma retórica segura, a enunciação que antes era somente corporificada: *eu não sou o homem da relação*.

O agenciamento político que se dá por meio da heterossexualidade compulsória, da noção construída de que as mulheres são, de modo inato, heterossexuais, acontece como premissa para afastar encontros entre si e a construção de núcleos de cooperação, defesa, descobertas, agrupamento e organização (RICH, 2012). Se o conceito de “sisterhood¹²” fosse tão difundido e praticado quanto o de “brotherhood”, haveria aí uma real ameaça ao sistema patriarcal. O apagamento sociopolítico das vivências cislésbicas é técnica de exclusão adotada para que o amor, o cuidado e a devoção sejam estímulos conduzidos ao homem, por isso a exaustiva e incansável repetição e demonização das relações cislésbicas.

A tentativa de heterossexualizar as relações cislésbicas, quando há o questionamento de “quem é o homem da relação” visa despertar dois tipos de sentimentos: 1) o reforço de que, em qualquer espécie de relação amorosa, uma das partes tem, obrigatoriamente, que ser do sexo biológico masculino - do contrário não seria possível haver relação sexual, e 2) o sentimento de revolta sobre a masculinidade que, teoricamente, estaria sendo representada - usurpada, difamada, corrompida - por alguém que não um portador de pênis, sendo assim, sem permissão para desempenhar tal papel. A butch estaria roubando aquela relação onde por direito deveria haver um pênis no comando.

E a butch está, literalmente, roubando aquela relação. Transformando micro espaços de domínio puramente masculino, de economia masculina, em puramente feminina, de economia feminina, onde a legislação relacional não se aplica nos mesmos moldes de opressão e subalternização. Percebem o perigo que assola a estrutura patriarcal? Um mundo

¹² A escolha em utilizar os termos em inglês se dá pela dificuldade da língua portuguesa (brasileira) de criar conectores semânticos que privilegiem (ou evidenciem) o gênero feminino na sua compreensão. O que é curioso, visto que temos uma língua extremamente binária. Por exemplo: irmãos e irmãs são variáveis da mesma palavra, uma delas é masculina, a outra é feminina; porém, se quisermos falar sobre irmandade ou fraternidade, não ficaria óbvio se estamos nos referindo a homens ou mulheres. Já sisterhood e brotherhood podem significar tanto irmandade quanto fraternidade, mas a composição da palavra já denota se é uma irmandade de mulheres ou de homens, especificamente.

onde mulheres se relacionam, não apenas com fins sexuais, mas com arranjos econômicos fundamentalmente femininos. A cislesbiandade desperta a possibilidade de uma descentralização do poder masculino, e a desestabilização no acúmulo de riquezas e capital social dos homens. E de que outra forma o pênis, o falo, o masculino, a masculinidade - todos sinônimos de poder - sobreviveriam com esse status, se não mais houvesse corpos a serem conjurados em posição de submissão, controle e vulnerabilização *sine qua non*?

Caminhando por essa linha que revela o que essencialmente ameaça a sociedade patriarcal, retornamos às frentes de combate, às formas pelas quais, na prática, é possível observar o movimento de extermínio desses corpos cislésbicos que não performam um conceito de feminilidade. Afirmamos que, pela estrutura das relações lésbicas que rompem com a heterossexualidade enquanto instituição política - que sistematicamente subtrai qualquer autonomia na economia feminina -, as butches se tornam os alvos mais visados e constantes de invisibilização social, apagamento histórico, desemprego, violência física e assassinato, enquanto as femmes não escapam, também, da possibilidade de serem assassinadas, porém são relegadas às violências físicas, estupro corretivos e institucionalizações, em maior número, uma vez que a passabilidade proporcionada pela performatividade de gênero normatizada concede, em alguma escala de horror, outros deslocamentos públicos e arranjos socioeconômicos .

Em 2015, o Huffpost chamou atenção para o conteúdo do blogue Tio Astolfo, conhecido antro masculinista¹³. O título: “Estuprar lésbicas é um esporte saudável que revigora a alma e libera a adrenalina, todos saem ganhando”. O conteúdo publicado, anonimamente, é o que segue:

Sim, todos saem ganhando, a família dela ao ver a filha corrigida do mau caminho, eu se tivesse uma filha retardada chupadora de “ppk”, com certeza agradeceria ao nobre varão que fez o favor, mas acho que a teria matado e a estuprado antes disso e de fato foi o que eu aconselhei o pai de uma dessas a fazer e assim ele fez! Agora ela está no colo do capeta, não falo “Deus a tenha”, pois Deus odeia lésbicas e viados, dizem que só Deus pode julgar, mas isso não me impede de saber suas respostas já que deixou registradas no livro sagrado (Bíblia) de antemão, destruir Sodoma e Gomorra deixa claro isso, Deus fez o homem com base na sua imagem, logo agi como um semideus, sendo feita a sua vontade [...] Melhor dizendo, lésbicas não existem, isso é constructo social.../sic/.

Anne Mickaelly, 23 anos. Assassinada a facadas, pelo pai da namorada, no momento em que a pedia em casamento. Distrito Federal, 07 de janeiro de 2018 (JBr, 2018).

¹³ Masculinismo é uma doutrina que reivindica os "direitos dos homens" por acreditarem viver em um mundo no qual as mulheres detêm todo poder e privilégios. As organizações masculinistas mais conhecidas atualmente são os proud boys e a alt-right (EUA), por estarem à frente das manifestações pró-Trump. Grupos de homens de extrema direita que cultuam ideais de superioridade racial, fascismo, antissemitismo, homofobia e, mais veementemente, de misoginia.

Ana Karolina de Souza Santos, 19 anos. Assassinada por espancamento, com barras de ferro e pedras, por um grupo de homens não identificados, insatisfeitos com a “masculinidade” da vítima. Fortaleza, 28 de julho de 2019 (JBr, 2019).

Juliane dos Santos Duarte, 27 anos. Assassinada por criminosos da comunidade de Paraisópolis. São Paulo, 06 de agosto de 2018 (GARCIA, 2018).

Maria Camila Coimbra dos Santos, 32 anos. Assassinada a tiros, facadas e arrastada até um canal onde seu corpo foi encontrado. Alagoas, 17 de setembro de 2020 (7SEGUNDOS, 2020).

Iasmyn Nascimento de Souza da Silva, 20 anos. Assassinada a facadas após reagir a assédios do vizinho. Rio de Janeiro, 16 de março de 2019 (MÍDIA, 2019).

Cristiane Alves Pergentino, 37 anos. Assassinada junto com a esposa, a facadas pelo vizinho. Salvador, 17 de maio de 2019 (NATIVIDADE, 2019).

Priscila Ângelo de Castro, 33 anos. Assassinada junto com a esposa, a facadas pelo vizinho. Salvador, 17 de maio de 2019 (NATIVIDADE, 2019).

Shaiene da Silva Machado, 17 anos. Assassinada com 14 tiros no rosto e 3 pelas costas, posteriormente, arrastada por 60 metros pelo carro dos assassinos. Porto Alegre, 28 de setembro de 2016 (GZH, 2016).

Meiryhellen Bandeira, de 28 anos. Assassinada a tiros, junto com a companheira, por um vizinho que não “aprovava” a relação. Espírito Santo, 21 de setembro de 2017 (DIAS, 2019).

Emilly Martins Ferreira, 21 anos. Assassinada a tiros, junto com a companheira, por um vizinho que não “aprovava” a relação. Espírito Santo, 21 de setembro de 2017 (DIAS, 2019).

Mais da metade dos lesbocídios registrados (54%) são de mulheres cis que não performam feminilidade ou heterossexualidade - as butches - e, pouco menos da metade (43%) dessas butches assassinadas são pretas (BERNARDES, 2019). Além da subnotificação dos casos gerais, da falta da tipificação “*lesbocídio*” (mesmo quando há testemunha), da dificuldade nas investigações, prisões, processos e aplicação de penas e da total ausência de políticas públicas que visem garantir dignidade em vida e mesmo depois da morte dessas

mulheres, a porcentagem que aparece nos registros oficiais, tanto de butches assassinadas, como da proporção de butches pretas, não refletem o que socialmente é observado.

Sendo assim, a única política que funciona no Brasil é a de apagamento, silenciamento e genocídio dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a discussão apresentada neste artigo serve para expor os agentes de violência em suas variadas facetas e as articulações entre Estado e igreja para compor os discursos normativos que vão, partindo daí, integrar toda uma sociedade. Os caminhos que esses discursos percorrem quando se instalam nas instituições médicas, educacionais e familiares, a forma com que passam a vigorar com peso de lei até se tornarem senso comum, apelo societário, descaso generalizado e ódio. O que levou Foucault, em 1970, a trabalhar com a sexualidade, foi notar que o discurso freudiano sobre a histeria, do final do século 19, e a crescente reprodução de discursos sobre sexualidade, sobre sexo em si, seus efeitos e suas qualidades transformaram a percepção dos sujeitos sobre o tema, por meio de de uma massificação de teorias, ciências e modelos norteadores de uma única sexualidade, uma sexualidade universalizada. Portanto, o discurso institucional passa a vulnerabilizar as noções sobre si dos sujeitos e a se sobrepor a essas manifestações singulares por normatizações, utilizando como dispositivo central a gestão dos corpos nas esferas social, econômica e política.

Avançando um pouco mais, agora já seguras das ponderações feitas, e sendo possível enxergar uma entrosa se formando, passamos a entender que social é esse de que tanto falamos. Para Deleuze, o social é uma série de modulações, de engrenagens constantes, prontas a serem “apertadas” ou “afrouxadas” sempre que se faça necessário um reparo, uma regulação - a sociedade de controle -, no caso, nós. A igreja governa o Estado, que governa as instituições, que governam a sociedade e a sociedade se governa, numa vigilância incansável.

As teorias queer e crip vão nos fazer questionar sobre a materialidade fixa dos corpos e como essa fixidez é construída nesse escopo de sociedade. A ideia de corpo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero e funcionalidade, só pode ser polemizada onde, anteriormente, houve uma sistematização, uma hierarquização que passa a delegar, a um certo grupo - de homens brancos (cis)heterossexuais - o poder de atribuir humanidade ou de limitar o direito de existir.

Nesse engendramento político, necropolítico ou de política de morte, é importante frisar que o óbito não se dá, somente, quando há morte cerebral; ele se inicia antes, no controle de subjetividade, no assujeitamento e na precariedade¹⁴ (que é uma condição de precariedade induzida sistematicamente), e se perpetua após a morte, quando há um apagamento daquela vivência.

Nossa intenção é apontar, criticamente, essa noção de naturalidade dos corpos por meio de uma perspectiva de diversidade, também, funcional e corporal. É trazer à luz que a

¹⁴ Ver Judith Butler - Quadros de guerra.

noção de vulnerabilidade, quando reconhecida, também é uma forma de resistência. A imposição do corpo butch, o incômodo que causa, a insistência em existir dessa forma e de nenhuma outra, são formas de lutar mesmo em estado de vulnerabilidade. Afinal, superar seria sinônimo de enquadrar e essa premissa é cisheterocentrada demais, paternalista demais.

A butch, centralizada nesse trabalho, é a materialização da fissura que há nesse processo secular de engessamento, ela é um processo de produção de identidade. Há uma possibilidade, contra todas as normatizações físicas ou divinas, de ser dissidente, e a butch é essa possibilidade. A butch é pós-evolutiva e escancara as masculinidades desprezíveis. Comprova que elas também são performances construídas socialmente quando conseguem mimetizar e regurgitar um novo modelo, híbrido, esculpido com a multiplicidade de tudo que está disponível e que não é utilizado, estrategicamente. A butch não prova ser um homem melhor, a butch prova que não existe homem a priori.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alê. A história de Luana: mãe, negra, pobre e lésbica, ela morreu após ser espancada por três PMs. *Ponte Jornalismo*, São Paulo, 25 de abr. de 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/ljvr09I>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Amigos afirmam que DJ raptada e espancada foi assassinada por ser lésbica. *Jornal de Brasília*, Brasília, 08 ago. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/Gjnqcd0>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AMORIM, Felipe; MADEIRO, Carlos. Brasil tem a 8ª pior desigualdade de renda e supera só países africanos. *UOL*, São Paulo, 15 dez. 2020, Internacional. Disponível em: <https://cutt.ly/Zjvdsyh>. Acesso em: 11 dez. 2020.

BERNARDES, Thais. Casos de lesbocídio crescem 237% no Brasil. *Notícia Preta*, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/4jniE0Z>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Brasil segue no topo dos países onde mais se mata LGBTs. *Central Única dos Trabalhadores*, São Paulo, 17 maio 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/UjvsA0P>. Acesso em: 11 dez. 2020.

BUTLER, Judith. *Precarious Life: the powers of mourning and violence*. Brooklyn: Verso, 2006.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidó, 2010.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Casal de mulher e homem trans é assassinado em crime de ódio em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. *Mídia 1508*, Rio de Janeiro, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/gjnwIfg>. Acesso em: 12 jan. 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIAS, Eduardo. Ex-policial é condenado a 35 anos por morte de jovens no ES. *G1*, Espírito Santo, 11 dez. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/0jnrWAb>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Estuprar lésbicas é um esporte saudável que revigora a alma e libera a adrenalina, todos saem ganhando. *Huffpost Brasil*, São Paulo, 18 jul. 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/YjbMq6t>. Acesso em: 09 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

GARCIA, Janaina. Negra, lésbica e periférica, Juliane "morreu por ser policial", dizem ativistas de direitos humanos. *UOL*, São Paulo, 07 ago. 2018, Cotidiano. Disponível em: <https://cutt.ly/vjnjXDr>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Garota é assassinada ao tentar pedir a namorada em casamento. *Jornal de Brasília*, Brasília, 08 jan. 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/ijb69X7>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GAYLE, Rubin. *Políticas do Sexo*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

HALBERSTAM, Judith. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

IBGE divulga estimativa da população. *IBGE*, Rio de Janeiro, 27 ago. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/Ajvs6Zv>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Jovem morta em Marechal é a 2ª lésbica assassinada este ano em AL. *7Segundos*, Alagoas, 18 set. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/jjnwtj9>. Acesso em: 12 jan. 2021.

KAFER, Alison. *Feminist, Queer, Crip*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.

NATIVIDADE, Priscila. Casal de lésbicas e irmã são mortas a facadas por vizinho no Caminho de Areia. *Correio 24 horas*, Salvador, 18 maio 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/KjnesaX>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PLATERO, Raquel (Lucas). Transfeminismos: epistemes, fricciones y flujos. In: *Críticas al capacitismo heteronormativo: queer crips*. Tafalla: Editorial Txalaparta, 2013.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.

Quem era a vítima executada com 17 tiros e arrastada em Porto Alegre. *GZH*, Porto Alegre, 29 set. 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/7jne7i4>. Acesso em: 12 jan. 2021.

REINHOLZ, Fabiana. Após 132 anos da abolição, Brasil ainda não fez a devida reparação da escravidão. *Brasil de Fato*, São Paulo, 13 maio 2020, Direitos Humanos. Disponível em: <https://cutt.ly/7jOd6fM>. Acesso em: 05 jan. 2021.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, p. 18-44, 27 nov. 2012.

SUDRÉ, Lu; COCOLO, Ana Cristina. Brasil é o 5º país que mais mata mulheres. *Revista Entreteses*. UNIFESP. Edição 07. São Paulo, Nov. 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/bjvskbS>. Acesso em: 11 dez. 2020.

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. *G1*. Rio de Janeiro, 13 jan. 2020. Política. Disponível em: <https://cutt.ly/Vjvs1aB>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Informações das autoras

Bruna Amato

Esquizoanalista, Psicanalista Social e Mestranda bolsista no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: bu.producao@gmail.com

ORCID: 0000-0003-3431-4588.

Lattes.cnpq.br/0284657496697506

Andrieli Barbosa Gomes

Graduada em Serviço Social. Mestranda bolsista no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Email: driibg@gmail.com

ORCID: 0000-0002-6024-9903.

Lattes.cnpq.br/5467349757389096.

Profª Dra. Maria Regina de Avila Moreira

Professora do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: reavila10@gmail.com

ORCID: 0000-0002-6908-6186.

Lattes.cnpq.br/6102418371111697